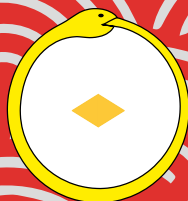
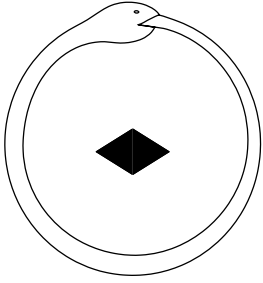


DOIS TIPOS DE
XAMÃS JAPONÊSES:
O MÉDIUM E O ASCETA
Carmen Blacker



cadernos
SELVAGEM



**DOIS TIPOS DE XAMÃS JAPONÊSES:
O MÉDIUM E O ASCETA**
Carmen Blacker (1975)

*Texto que integra a antologia
“SHAMANS THROUGH TIME: 500 YEARS ON
THE PATH TO KNOWLEDGE” editada por Jeremy Narby
e Francis Huxley (Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2001).
Autorização de tradução por Jeremy Narby,
detentor dos direitos autorais.*

Carmen Blacker, pesquisadora inglesa, foi professora de japonês na Universidade de Cambridge e conduziu um estudo aprofundado sobre as práticas xamânicas no Japão. Ela demonstrou que essas práticas têm origem em diversas fontes, incluindo a Sibéria e a Polinésia, e que há dois tipos de xamãs japoneses.

Embora o secularismo agressivo tenda a ser a regra nos círculos intelectuais do Japão, em muitos setores da comunidade ainda persiste a crença de que as causas de todas as calamidades da vida humana residem no campo espiritual. Doença, acidente, seca ou incêndio são obra de espíritos zangados ou *numina* (divindades) ofendidas. Portanto, para descobrir as causas desses infortúnios temos que olhar para a outra dimensão onde vivem esses seres e perguntar qual é o espírito responsável e o motivo da sua raiva.

Mulheres e homens comuns são impotentes para lidar com essas forças perigosas e ambivalentes. No entanto, alguns seres humanos especiais podem adquirir um poder que lhes permite transcender a barreira entre os dois mundos. Esse poder não tem relação com a força física ou a

agilidade mental com as quais somos comumente dotados. Ele pertence a uma ordem completamente diferente, adquirido por meios que, com frequência, enfraquecem a saúde e a força do corpo humano e aparece, de tempos em tempos, em pessoas¹ consideradas tolas. Trata-se de um poder especial para efetuar uma ruptura entre os planos, para atravessar a ponte e influenciar os seres do outro lado.

Uso a palavra “xamã” para designar as pessoas que adquiriram este poder; que em um estado de transe dissociado são capazes de se comunicar diretamente com os seres espirituais. No Japão essas pessoas aparecem em duas formas complementares. A primeira, a que chamarei de médium ou *miko*, é exemplificada pela sibila Teruhi² (personagem de uma peça de teatro japonesa). Ela pode entrar em um estado de transe no qual a aparição espiritual pode possuí-la, adentrar o seu corpo e usar a sua voz para nomear-se e falar. Portanto, ela é, principalmente, um transmissor, um recipiente através do qual os seres espirituais, ao saírem do seu mundo e penetrar o nosso, podem se comunicar conosco de uma maneira compreensível.

A segunda fonte de poder, que chamo de ascética, é complementar à primeira e está exemplificada pelo Santo de Yokawa (outra personagem da mesma peça). Ele é sobretudo um curandeiro, capaz de banir os espíritos malignos responsáveis pela doença e pela loucura e transformá-los em poderes para o bem. Para adquirir os poderes necessários à realização dessa proeza, ele precisa cumprir um regime severo de prática ascética que deve incluir, de maneira adequada, além do jejum, a permanência sob uma cachoeira e a recitação de textos sagrados, uma jornada para o

1. Ainda que seja recorrente o uso dos termos generalizantes *man* e *boys* quando Blacker menciona pessoas com variadas identidades de gênero, nesta tradução optamos por favorecer, sempre que possível, uma linguagem inclusiva, tendo em vista a diversidade de realidades. Seguimos as orientações do *Manual Prático de Linguagem Inclusiva*, de André Fischer, SP: Tecidas Consultoria 360, 2020 (N.T.).

2. A sibila Teruhi, assim como o Santo de Yokawa, mencionado no parágrafo seguinte, são personagens da peça de teatro japonesa *Aoi-no-Ue*, datada do final do século XIV e traduzida para o inglês por Arthur Waley. Conta a história da princesa Aoi e do príncipe Genji.

Fonte: OVERVIEW *Aoi-no-Ue*. Quick reference. Oxford Reference, 2023.

Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/oi/authority.20110803095418328>>. Acesso em: 05/10/2023 (N.T.).

outro mundo. Assim, enquanto no caso da médium são os seres espirituais que deixam o seu mundo e vêm para o nosso, no caso do asceta a passagem ocorre na direção oposta. É ele que deve deixar o nosso mundo e atravessar a barreira para visitar o deles. Essa jornada pode ser feita de forma extática, visionária; sua alma viaja sozinha, enquanto seu corpo é deixado para trás em estado de animação suspensa. Ou ele pode fazer a viagem por meio da mimese simbólica; com o outro mundo projetado por meio de um poderoso simbolismo na geografia do nosso mundo, ele pode fazer a jornada através da barreira como corpo ou como alma.

Existe um tipo particular de transe correspondente a cada uma dessas figuras. Com o médium, infundido ou possuído por um ser espiritual, encontra-se comumente um número de sintomas físicos. Estes incluem um tremor violento das mãos entrelaçadas, respiração arquejante ou rugido e uma levitação peculiar do corpo a partir de uma postura sentada com as pernas cruzadas. Já presenciei mulheres e homens se lançarem cerca de 15 centímetros no ar a partir dessa posição, repetidas vezes, por vários minutos sem fim. Um médium violento é sempre considerado mais convincente do que um dócil. O caráter não-humano da voz e do comportamento indicam mais vividamente o deslocamento da personalidade do médium causado pela entrada da divindade. Esse tipo de transe, como veremos mais adiante, pode tanto ser autoinduzido como ser estimulado por uma segunda pessoa, em geral o asceta.

O segundo tipo de transe é completamente diferente. Trata-se de um estado de animação suspensa, profundo e comatoso. Esta é a condição na qual o corpo do asceta deve entrar se sua alma quiser deixá-lo para viajar para outros domínios do cosmos. Seu corpo fica para trás, uma casca vazia, enquanto sua alma atravessa barreiras pelas quais o corpo não pode passar. Vamos descobrir que nos dias de hoje essa espécie de transe raramente ocorre. A capacidade para esse tipo de dissociação e para a jornada visionária que a acompanha parece haver diminuído nos últimos séculos e atualmente é mais comum que a jornada mágica ocorra por meio da ação simbólica em plena consciência desperta.

Afirmo que ambos, o médium e o asceta, são xamãs porque cada um, em sua maneira particular de transe, funciona como uma ponte entre os dois mundos.

[O xamã é] uma pessoa talentosa de um tipo diferente. Ela é ao mesmo tempo uma viajante cósmica, curandeira, mestre dos espíritos, psicopompo, porta-voz oracular. No entanto, esses vários poderes são combinados e organizados ao redor da faculdade central do transe, capacidade de alterar sua consciência de maneira que possa comunicar-se diretamente com os habitantes do mundo sobrenatural.

Veremos que o médium e o asceta no Japão podem, segundo essa definição, ser justificadamente chamados de xamãs. Encontraremos exemplos da doença de iniciação, do chamado sobrenatural e do transe “fora do corpo” no qual a alma viaja para o céu e o inferno. Encontraremos espíritos assistentes, roupas e instrumentos mágicos e evidências abundantes do calor interno produzido pelo domínio do fogo. É verdade que o cosmos no Japão tem um formato um pouco diferente, sem evidência da maravilhosa Árvore gigante³ no centro do mundo. Também é verdade que entre as visões iniciáticas do médium e do asceta, até hoje há poucas que descrevem o desmembramento do corpo, sua redução a esqueleto e a ressuscitação com carne nova nos ossos. Entretanto, no lugar da Árvore, encontraremos uma Montanha quase igualmente esplêndida; e no lugar do desmembramento e refazimento do corpo, encontraremos outro simbolismo que também aponta de forma inequívoca para o esquema iniciático de morte e renascimento.

Não faz sentido tratar cada uma dessas figuras de forma isolada. Por mais complementares que possam parecer à primeira vista, o médium e o asceta estão intimamente ligados. Ambos devem passar pela mesma prática ascética antes de adquirir seus poderes particulares. Ambos precisam estar presentes em determinados rituais para alcançar a

3. Segundo a autora, o trabalho do xamã requer um cosmos de formato específico. Nesse sentido, o cosmos japonês possui uma forma diferente do cosmos siberiano. Para a maioria dos povos siberianos o cosmos é formado por três camadas superpostas. No meio está o mundo humano. Acima há sete camadas de céu e abaixo a profundidade escura, algumas vezes também dividida em sete camadas. Unindo esses níveis cósmicos, bem no centro do universo, existe uma maravilhosa Árvore gigante. Com suas raízes na parte mais baixa do mundo subterrâneo e sua copa no mais alto céu, esta árvore é, ao mesmo tempo, o eixo do cosmos e fonte de vida sempre renovada. Assim, dentro desse cosmos o xamã pode viajar tanto para cima como para baixo, seguindo o furo feito pela Árvore no centro do universo. Fonte: BLACKER, Carmen. “The Bridge”. *The Catalpa Bow: a study of shamanistic practices in Japan*. London: Routledge, 1999, pp. 25-27 (Japan Library Book Series) (N.T.).

comunicação necessária com os espíritos. Algumas vezes os dois tipos de poder parecem estar presentes, ou de algum modo sobrepostos na mesma pessoa. Durante o período feudal era comum encontrar casamentos entre os dois tipos de pessoas, um homem asceta casado com uma mulher médium. É evidente que temos duas funções mutuamente dependentes que convém tratar sob a mesma nomenclatura.

Os fenômenos do xamanismo no Japão tornam-se ainda mais complicados pelo fato de não derivarem de uma fonte homogênea: assim como a etnia, a língua e a mitologia japonesas, o xamanismo tem origem mista. Os etnólogos japoneses costumam relacionar os exemplos de xamanismo em seu país a duas amplas correntes de cultura que se misturaram em tempos pré-históricos. Uma corrente setentrional, derivada de práticas altaicas ou tungúsicas no continente asiático e espalhada pela Coreia e as ilhas Hokkaido e Ryukyu, combinada com outra corrente derivada de uma fonte meridional, Polinésia ou Melanésia.

Tanto o médium como o asceta podem ser encontrados hoje em dia. De fato, o médium sobrevive apenas de forma esparsa e um pouco dilapidada em certas regiões do nordeste, em determinadas ilhas ao largo da península de Izu e em alguns rituais de aldeia em que seus dons são combinados com os do asceta. O asceta, entretanto, ainda pode ser encontrado em muitas regiões japonesas. Vivendo sozinhos ou em territórios isolados, essas mulheres e homens podem ser encontrados em Nara, nas imediações de Kyoto, em Shikoku e Kyushu, ao longo da costa do Mar do Japão, no nordeste e mesmo ocasionalmente na própria Tóquio. Essas pessoas ainda empregam técnicas de transe e exorcismo que carregam a marca de uma origem antiga.

CARMEN BLACKER

Carmen Elizabeth Blacker nasceu em Londres em 1924, filha de Carlos Paton “Pip” Blacker, um psicanalista, e sua esposa Helen. Ela se interessava pela língua japonesa desde a infância e estudou japonês, com distinção, na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS), na Universidade de Londres, sob a orientação do Dr. Arthur Waley. Depois de se graduar na Universidade de Londres em 1947, ela estudou na Universidade de Harvard e em 1951 iniciou uma pesquisa sobre Fukuzawa Yukichi na Universidade Keio. Durante esse período, visitou o Templo Engakuji em Kamakura para praticar o Zen e encontrou o falecido D. T. Suzuki. A partir de então, voltou sua atenção para a religião japonesa e durante dez visitas subsequentes ao Japão, dedicou-se ao estudo completo do tema. Ela estudou na Universidade Keio até 1953 e depois na Universidade de Oxford, onde recebeu seu doutorado em 1957. Tornou-se professora na Universidade de Cambridge em 1955, onde ensinou japonês e depois atuou como professora de história japonesa. Além do livro *The Catalpa Bow: a study of shamanistic practices in Japan* (1975) [O arco catalpa: um estudo sobre as práticas xamânicas no Japão], ela é autora de *The Japanese Enlightenment: a study of the writings of Fukuzawa Yukichi* (1964) [A iluminação japonesa: um estudo sobre a obra de Fukuzawa Yukichi] e coeditora de *Ancient Cosmologies* (1975) [Cosmologias antigas]. Ela era budista e faleceu em 2009.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. A coordenação editorial das traduções do Inglês é de Marina Matheus.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 4 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore

TRADUÇÃO

MARY HATAKEYAMA

Mãe, jardineira, professora, tradutora. Nascida e criada na periferia de São Paulo, Brasil. Graduiu-se em Pedagogia e Letras. Participa da Comunidade Selvagem desde 2022, estudando e aprendendo novas e profundas maneiras de ver e compreender a vida.

REVISÃO

ANNA BARBOSA

Tradutora e intérprete brasileira.